

Cativeiro na Formosa, 1622-1626

Salvador Dias

Salvador Dias era um chinês natural de Macau que foi capturado pelos holandeses em 1622 quando navegava para Manila a bordo

de um navio português. Durante cerca de quatro

anos serviu os seus captos como intérprete para os negócios que estes realizavam com a província chinesa de Fujian: primeiro no estabelecimento que a VOC possuiu durante algum tempo nas ilhas dos Pescadores; numa segunda fase na ilha Formosa, para onde foi transferido assim que os holandeses aí se instalaram em 1624. Esta informação foi recolhida pelas autoridades de Macau logo depois do regresso de Salvador Dias à cidade, em Abril de 1626. Dias alega ter fugido da Formosa a bordo de um junco comprado aos chineses que demandavam o entreposto holandês de Dayuan. Com ele terão viajado três cristãos e 12 chineses, dois dos quais são identificados como pilotos conhecedores da costa da Formosa e homens capazes de informar os portugueses sobre os seus segredos a troco de um bom pagamento. O relato de Salvador Dias divide-se em duas partes igualmente interessantes. A primeira começa por oferecer breves notas sobre a transferência do contingente holandês chefiado por Cornelis Reyersz dos Pescadores para a Formosa, a que se segue uma pormenorizada devassa sobre as fortificações, os efectivos militares e as estruturas da feitoria holandesa nesta última ilha. Na segunda parte da informação procede-se ao levantamento dos recursos da Formosa e faz-se o ponto de situação sobre o comércio que os holandeses tinham estabelecido com o Fujian. Finalmente, recomenda-se a concretização de uma aliança entre Macau e Manila capaz de pôr fim a esta presença em Taiwan que desafiava os interesses de ambas as praças ibéricas. O modo como o informador se refere ao receio que os holandeses sentiam de uma resposta rápida da parte de Manila deve ser confrontado com aquilo que próprios holandeses escreveram a este respeito. Também merece destaque a clareza com que este macaense percebe o valor estratégico da ilha Formosa e a forma como o novo ancoradouro dos “inimigos da Europa” já afectava o comércio da seda e ameaçava a viabilidade conjunta de Macau e Manila.

Fonte utilizada: “Relação da fortaleza, poder e trato com os chinas, que os olandeses tem na Ilha fermosa dada por Salvador Diaz natural de Macao”, in *Documentação Ultramarina Portuguesa*, ed. António da Silva Rego [vol. 2, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, pp. 61-68]. O texto foi modernizado por Pedro Loureiro.

Salvador Dias was a Macao-born Chinese captured by the Dutch in 1622 when sailing to Manila on board a Portuguese ship. For around four years he served

his captors as interpreter in the business they conducted with the Chinese province of Fujian: first in the settlement that the VOC temporarily maintained in Pescadores island, then in Formosa where he was transferred as soon as the Dutch settled there in 1624. This information was collected by the Macao authorities immediately after Salvador Dias returned to the city in April 1626. Dias claims he escaped from Formosa on board a junk bought by the Chinese who travelled to the outpost of Dayuan. With him travelled another three Christians and twelve Chinese, two of whom are identified as pilots of the Formosa coast and men capable of supplying the Portuguese with their secrets in exchange for a good price. Salvador Dias' account is divided in two equally interesting parts. The first begins with brief notes on the transfer of the Dutch contingent led by Cornelis Reyersz from Pescadores to Formosa, followed by a detailed description of the fortresses, numbers of soldiers and structures of the Dutch settlement on the island. The second part contains a listing of the resources to be found in Formosa and an analysis of the Dutch trade situation with Fujian. Finally there is advice recommending an alliance between Macao and Manila to put an end to that presence in Formosa which challenged the interests of both Iberian outposts. The way in which the informer mentions the fear of the Dutch regarding a quick reaction from Manila must be compared with what the Dutch themselves wrote in this respect. The clarity with which this Macanese understands the strategic value of Formosa is outstanding as well as his view on how the new outpost of the “enemies of Europe” had affected already the silk trade and the joint feasibility of Macao and Manila.

Source: “Relação da fortaleza, poder e trato com os chinas, que os olandeses tem na Ilha fermosa dada por Salvador Diaz natural de Macao”, in *Documentação Ultramarina Portuguesa*, ed. António da Silva Rego [vol. 2, Lisbon: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, pp. 61-68]. The text was updated by Pedro Loureiro.

RELAÇÃO DA FORTALEZA, PODER E TRATO COM OS CHINAS, QUE OS HOLANDESES TÊM NA ILHA FORMOSA DADA POR SALVADOR DIAS NATURAL DE MACAU, QUE LÁ ESTEVE CATIVO E FUGIU NUM SOMA EM ABRIL DO ANO DE 1626

[Testemunho dado] aos 20 de Abril deste presente ano [de 1626, por] Salvador Dias, china natural e nascido nesta cidade de Macau, onde tem pai e mãe.

No ano de 1622, indo para Manila no navio de João Baptista Inácio foi tomado dos holandeses e levado cativo à ilha dos Pescadores¹, onde esteve dois anos na fortaleza que ali tinham os holandeses². E depois, no ano de 1624, deixando este lugar se passaram para a ilha Formosa, ao porto chamado Taivan [Dayuan] e levaram consigo o dito Salvador Dias, onde esteve com eles dois anos. E por ser china natural e saber as letras da China, os holandeses se serviam dele de língua com os chinas nas compras e vendas, e mais negócios que com os chinas tinham, indo com os ditos holandeses ao Chincheo [Zhangzhou] a tratar seus negócios com os governadores da China, os quais por o dito Salvador Dias fazer bem seu ofício lhe deram uma dignidade à moda da China, com que entre os chinas tinha mais autoridade. E porquanto sempre teve intento de fugir havendo ocasião, foi sempre notando e escrevendo num livro de letra china todos os negócios que passavam entre os holandeses e [os] chinas, e outros de importância. E assim mais todas as chapas de favor que os governadores do Chincheo [Zhangzhou] passavam aos ditos holandeses, para [que,] quando Nosso Senhor o trouxese à terra de católicos, desse de tudo fiel e verdadeira relação para o que fosse necessário. O qual livro, quando chegou a esta cidade, entregou ao capitão-geral das partes da China Dom Francisco Mascarenhas, que o tem em seu poder.

E o dito Salvador Dias, aos 16 de Abril deste ano [de 1626], fugiu da ilha Formosa com mais três cristãos e doze chinas gentios, numa soma pequena que para este efeito tinha comprado aos chinas pescadores sem o saberem os holandeses, e chegou a esta cidade em quatro dias, aos 20 do dito mês de Abril. E com juramento dos Santos Evangelhos em que pôs a mão como cristão, disse que em tudo falaria a verdade, dando fiel e verdadeira relação do que sabia acerca dos holandeses, e do que [se] passava na dita ilha e porto de Taivan [Dayuan], onde ao presente estão, por saber bem tudo de mais, porquanto estava sempre entre os

ditos holandeses e os negócios dos chinas com eles lhe correrem pelas mãos por ser sua língua. Diz pois o seguinte:

“Primeiramente, os holandeses da ilha de Pescadores tinham uma fortaleza com quatro baluartes e artilharia. E porquanto esta ilha pertence ainda às terras da China, o chumpim [zongbing] capitão-geral da província de Foquiem [Fujian], onde está o Chincheo [Zhangzhou], foi lá ter com os holandeses, sendo terceiro entre eles um china cristão arrenegado chamado Situan, que de Manila fugira com outros chinas por dívidas e se fora para o Japão, onde se juntou aos holandeses em Firando [Hirado]³. Por via deste disse o chumpim aos holandeses que aquela terra era d’el-rei da China, portanto se pasassem dali para a ilha Formosa, onde lhes abririam trato e comércio, [que] se o não fizessem lhes fariam guerra. Os holandeses vieram nisso e se passaram para a ilha Formosa, a um porto chamado Taivan [Dayuan], onde agora estão, cujo retrato está pintado avante.⁴

Este porto de Taivan [Dayuan] é uma enseada grande, penetrando pela terra dentro mais de duas léguas de leste [a] oeste; sua barra e boca está a ponente e estreita quase da largura do rio do porto de Macau. Tem um canal na entrada de treze pés de fundo e de largura de quatro a cinco navios, no qual têm balizas de canas para os navios que entram se virem ao canal, todo o demais da barra e restinga é baixio. Terá a enseada em roda oito ou nove léguas, pouco mais ou menos. Da parte do sul dentro da enseada é tudo baixio, onde não podem surgir os navios; da banda do norte tem fundo de três ou quatro braças, onde surgem os navios e naus dos holandeses, e juncos dos japões, e navios dos chinas, da boca da barra para o norte distante uma légua. Tem um esteiro de mar com restingas na boca, o qual corre quase de leste a oeste e se vai meter na enseada. Por ela entram também navios da China pequenos e podem entrar galés e fustas, mas com piloto da terra, china pescador, dos quais ali há muitos.

Na ponta da banda do sul da entrada da barra, num lugar mais eminente, fizeram os holandeses uma fortaleza com quatro baluartes quadrados que descubrem o mar de fora e a entrada da barra e toda a enseada à roda. Cada baluarte tem seis peças de artilharia, as mais delas de ferro. As paredes do muro são de barro e pedra, e os cantos dos baluartes de tijolo cozido. A grandeza da fortaleza é de 200 passos comuns e 100 de largo (que Salvador Dias mesmo mediu)⁵.

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

Dentro da fortaleza tem casco com paredes de tijolo cozido, cobertas de telha e cafeladas de cal, e agora tinham os chinas para lhes fazerem cal de ostra, para cafelarem todas as paredes do muro ao pé da fortaleza. A entrada da barra ao lume da água tem seis peças de artilharia de bronze de 24 libras de pelouro, postas entre cestões para defesa da entrada da barra. Trazem nas obras que trabalham ordinariamente cento e vinte e quatro chinas, alugados por oito condorins cada dia.

No fim da enseada, da parte de leste, têm feito um forte pequeno ou baluarte, com quatro peças de artilharia, [por] respeito dos naturais da terra. Aqui têm os holandeses criação de vacas e cavalos que trouxeram do Japão, e de cabras e ovelhas. Junto a este forte está uma povoação de chinas ladrões e pescadores, com casas, algumas cobertas de palha e outras de telha. Chama-se a este lugar Checan [Sincan]. Entrando pela barra dentro à mão direita da parte do norte, distante da barra quase como desta cidade [de Macau] à outra banda do rio, está uma povoação de chinas pescadores e ladrões e mercadores, com casas cobertas de palha, defronte da qual surgem os navios dos chinas, que trazem fazendas, mantimentos, pescados e outras coisas de vendas, onde de presente, entre mercadores e os demais chinas, haverá passante de cinco mil pessoas. Cada dia entram e saem embarcações dos chinas com fazendas, mantimentos [e] tudo o demais.

Indo correndo mais avante pela praia [e] enseada, têm os holandeses uma lógia e casa sobradada que serve de feitoria, coberta de palha e as paredes de tábuas. Está esta feitoria cercada à roda com uma sebe de canas. Aqui mora o cabeça dos holandeses e feitor da armação chamado Comedor Dallite⁶; aqui pesam a seda e compram as demais fazendas, e a recolhem nas naus e na fortaleza. Na entrada da cerca desta feitoria têm de cada banda cinco berços, que trouxeram do Japão. Têm mais três ou quatro pedreiros. [Têm também] pistoletes, espadas e lanças.”

Aqui nesta feitoria morava Salvador Dias, sobre o qual sempre traziam olho para que não fugisse, e por vezes lhe deram busca no fato, [para verem] se tinha cartas de Macau, para o acusarem [de] que [se] carteava e avisava esta cidade do que lá passava, e lhe quiseram dar tratos. Este feitor diz que é católico, e que esteve anos em Espanha, onde tem uma irmã freira, e foi a Roma, e visitou os lugares santos, e lhe deram uma bula para sete anos de perdão, e mostrou a Salvador Dias secretamente um relicário de ouro com a bula

que tinha no seu escritório. Porém, contemporiza com os hereges, por não ser sentido por católico.

[Prosegue o testemunho de Salvador Dias:]

“Em frente desta feitoria está o surgidouro das naus dos holandeses, que tem de fundo quatro braças. De presente estão ali quatro naus com 24 peças de artilharia cada uma, as quais estão sempre prestes. Uma delas veio de Japão com mantimentos, as outras estavam ali. Está mais um patacho, que foi de Heitor Homem, e uma galeota de esporão. E não têm ali mais outros navios.

Mais avante pela praia está um bangaçal de japões com casinhas cobertas de palha, e em frente surto o junco em que vieram do Japão cento e sessenta japões, entre mercadores, marinheiros e criados, afora seis que ali têm. Invernavam dois ou três anos. Vieram dois ou três juncos com sessenta chins mercadores, e esperavam por outro junco de Feijo [Haiphong?] que ainda não era chegado. Os holandeses quiseram fazer pagar aos japões e chinas a dez por cento, mas eles não quiseram.

De presente estão ali até duzentos e vinte homens holandeses, entre grandes e pequenos, dos quais estão na fortaleza cem com seu capitão, o qual antes de lhe vir a mão de socorro de Japão, temeroso que os castelhanos dessem sobre eles para os lançarem dali, dizia abertamente que se viessem se havia de entregar aos castelhanos. E ainda agora estão com medo os mais dos holandeses, parte estão repartidos pelas estâncias e navios⁷. Na feitoria estão oito, no forte ou tranqueira onde têm o gado estão dez, os demais estão nas urcas e navios. A maior parte deles desta gente é baixa, vil e muito suja.

Na parte do norte onde está a povoação dos chinas, feitoria e japões não há água para beber, mas toda se vai tomar com embarcações da outra banda, ao pé da fortaleza onde está uma ponte. Toda a praia de fora e costa, assim da parte do norte da boca da enseada, é costa brava, onde se não pode desembarcar por ser tudo baixio salvo em barcas pequenas; da parte da fortaleza para o sul, distante duas ou três léguas, se pode desembarcar e vir marchando por terra. Em um lugar chamada Gueicão, que é o porto, e o mesmo da parte do norte distante da barra, está um esteiro de água salgada por onde também entram somas de chinas pequenas, como dissemos; mas na boca tem restingas e é necessário o piloto da terra. Mais ao norte, distante seis ou sete léguas, está o porto de Bancan [Wancan]. À roda da enseada tudo é terra plana sem montes, os

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

quais deitam pela terra dentro longe, e assim a fortaleza não tem padraço nestas campinas. E nos matos há infinidade de veados que os holandeses vão caçar a pé e a cavalo.

A gente natural da terra é de cor baça e montesinha; e à roda [da] enseada, pelo sertão dentro da parte de oeste e norte, têm povoações. Não têm rei e o mais poderoso em cada lugar se faz cabeça dele. Vêm vender algumas coisas, e os holandeses e [os] chinas lhes dão gangas em resgate. Meteram os holandeses nas aldeias vizinhas meninos e moços de pouca idade para aprenderem a língua da terra, a qual já falam.

O chumpim [*zongbing*], capitão-geral que agora é da província de Cantão, foi estes tempos atrás chumpim [*zongbing*] capitão-geral da província do Chincheo [Fujian]; este foi o que por via de Situan, de que acima falámos, fez com que os holandeses se passassem da ilha dos Pescadores para a ilha Formosa, onde agora estão. E por isso começou a abrir trato com eles, por temer do mal que podiam fazer às suas armadas e navios de trato da costa do Chincheo [Fujian]. O dito Situan deu conselho aos holandeses que peitassem este chumpim [*zongbing*] para fazer com que os governadores da China derrubassem os muros de Macau. E para esse efeito deram de peita ao dito chumpim [*zongbing*] três mil taéis de prata (como Salvador Dias soube de certo), depois dos muros derrubados, e o dito chumpim [*zongbing*] o mudaram para esta província de Cantão. E no tempo [em] que se desfaziam os muros assistiu em Anção [Xiangshan] com a gente de guerra por mar e por terra, até se acabarem de derrubar⁸.

O chumpim [*zongbing*] que lhe sucedeu no Chincheo [Fujian] naquele tempo [em] que este lá estava era seu companheiro e almirante; e agora de novo, depois de entrar no cargo, tornou [a] abrir e confirmar comércio com os holandeses, com ordem do tutão [*dutang*] do Chincheo [Fujian]. Com o qual comércio corre um capitão china por nome Simso, o qual tem duzentos homens que o servem, e faz levar à ilha Formosa a seda, peçaria e mais coisas aos holandeses e japões, de que o chumpim [*zongbing*] tira muito proveito. E continuamente vão do Chincheo [Fujian] embarcações com fazendas, com que o trato se vai muito engrossando, e já tinham levado ao dito porto de Tatuao [Dayuan] mais de trezentos picos de seda, e muita peçaria. Estão esperando que lhes tragam outra

tanta [fazenda], para a qual tinham dado os chinas mercadores prata para a trazerem, porque havia no Chincheo [Fujian] ao presente setecentos picos de seda. O Situan que corria com este contrato morreu o ano passado em o Japão. Agora corre em seu lugar o capitão acima dito, Simso.

De Japão, como fica dito, veio uma só urca com mantimentos; as demais naus que lá estavam foram direitas a Jacatra com provimento e munições, por estarem [os holandeses] de guerra com o rei da Java, que lhes não deu mantimentos, e por isso estão [com] muita falta deles, em aperto. Têm ainda intento, conforme praticam, de tornar sobre Macau, vingar-se da matança passada, vindo-lhes gente e armada de Jacatra e Holanda, que esperam eles⁹. Os holandeses sabem miudamente as coisas de Macau e Manila, por via de chincheos, e por via deles tinham já concertado para mandarem duas cartas a este capitão holandês que aqui está cativo [em Macau]¹⁰, e dando trinta taéis de prata para aqui alugarem ou comprarem uma trinca [?] para este capitão se acolher, e avisarem as naus que por aqui passam suas, e para saberem tudo o demais que [se] passa em Macau, com promessa que se negociassem os chincheos o que lhes encomendavam, que lhes pagariam muito bem. Mas outros chincheos meteram medo a estes, com que se desfez o negócio por aquela via, e não sei se por outra o têm feito, porque são muito litigantes em fazerem seus negócios, não perdoam nada ao gasto. Sabem também como os muros de Macau se derrubaram e que ficaram os de fora com licença do rei e governadores da China.

[...] Conforme ao comércio contínuo que ali há de navios dos chinas, com fazendas, roupas, mantimentos, pescado e materiais para as obras, e chinas oficiais e trabalhadores, gente vadia e ladrões que ali se recolhem; [conforme] à quantidade de prata que ali acode dos holandeses e dos japões [e dos] chinas mercadores; [e conforme à vontade] da China em abrir o comércio, assim pelo proveito que têm disso como pelo medo dos holandeses; cedo se fará ali um famoso império com povoação e cidade populosa, e se irão os holandeses fortificando grandemente. E já com muita diligência [se] vão apercebendo [d]os materiais para isso, [por] a passagem da China ali ser muito fácil, de espaço de dois dias até Chincheo [Fujian], passando à ida e à vinda pela ilha dos Pescadores que está no meio. E os chinas a cada passo escondidamente passam com fazendas, e os mandarins da China cada vez andam a

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

facilitar o despacho, pelo proveito dos despachos e peitas que tiram, e os muitos direitos [que] às alfândegas do rei da China irão rendendo cada vez mais. Principalmente como aquela terra não é da China, dá-se-lhe pouco [aos chineses] que os holandeses estejam nela. E os naturais da ilha Formosa se vão domesticando, e os holandeses os tratam bem e por isso lhes trazem os mantimentos que há na ilha.

É courama de veados para o Japão veniaga muito boa, de que há grande abundância na ilha. E como a terra é espaçosa e liberta, e os da terra não têm rei e cabeça grande que os possa unir e fazer guerra, os holandeses hão-de cultivar as terras com trigo, arroz, legumes, outras de frutas de toda [a] sorte, e farão fazendas de modo que se possam sustentar muito bem. E se com tempo se não acode a botá-los dali antes que acabem de arreigar, sem dúvida em breve se parará ali o trato da China, e ficarão os holandeses, japões e chincheos senhores dele. E dali armarão para todas as partes de Oriente, principalmente por os chincheos serem gente atrevida, que para todas as partes deste Oriente entre os chinas somente navega. E como sua província é pobre, há infinidade de gente que concorre ali a povoar e a cultivar a terra. Irão toda a sorte de oficiais, tecelões de seda, etc. Pois não há no Oriente quase parte onde não haja chincheos, com que o comércio de Macau e Manila se virá a perder quase de todo sem remédio, se com presteza se lhe não der o que eles muito receiam. E por isso se dão grande pressa a se fortificar.

E será agora fácil botá-los dali, pois [na] Holanda estão em aperto e não lhes poderão mandar socorros de importância. E assim, antes que os possam mandar, unindo-se esta cidade [de Macau] por uma parte com a Manila, indo sobre eles enquanto sua força é pouca, sem dúvida os acabarão, pois não são mais que duzentos e vinte homens espalhados, e esses a maior parte gente vil e baixa e miserável. E por outra parte [se deverá] procurar com os governadores da província de Cantão, com memoriais bem feitos, para que impeçam o comércio, que lhes não dêem fazendas, mostrando-lhes o perigo que é para a China estarem ali os holandeses e japões seus inimigos, e unidos com os chincheos ladrões, que lhes servirão de guia para muito mal da China. E juntamente mostrando aos governadores e naturais de Cantão em como passando-se o trato desta província [de Guangdong] ao Chincheo [Fujian] hão-de faltar os rendimentos das alfândegas reais para

sustentar armadas e mais gastos da província, como até agora se faz, e o povo empobrecerá sem trato. Como aconteceu no tempo d'el-rei Chim [Jiajing], em que por outra ocasião o trato se passou de Cantão a Chincheo [Fujian], e esta província [de Guangdong] empobreceu grandemente, e um chaem [*duchayuan*] deu a el-rei um memorial acerca disso, com que o trato se começou a continuar de novo em Cantão até agora¹¹. E se pode também tocar [nos memoriais] como os mandarins de armas do Chincheo [Fujian], levados de interesse das peitas e tratos, favorecem os holandeses em grande prejuízo do Reino da China, que se não acudirão por remédio por via d'el-rei, [depois não haverá remédio,] que depois do fogo ateadado não poderiam ainda que quisessem.

É certo que de presente se não poderia achar melhor informação e mais certa do que [se] passa neste negócio [do que a] que aqui se dá, pois [eu] era seu língua, sabia todas [as] suas traças, e parece que Deus me trouxe de lá para isto, e vieram comigo dois pilotos chinas que sabem muito bem toda aquela costa e portos da ilha Formosa, se os tratarem bem, pagando-lhes, descobrirão tudo quanto quiserem. E juntamente veja-se o livro e papéis que trouxe comigo, que enquanto lá estive fui juntando com grande diligência, movendo-me Deus a isso para dar lume de tudo, porque estes papéis podem ajudar muito e dar noticia para falar aos mandarins.

Os mandarins principais desta província que nisto podem fazer muito e a quem se pode dar memorial são: este tutão [*dutang*] primeiramente, porque este, estando no Chincheo [Fujian] governando, teve alguma culpa neste negócio, pelo qual teve trabalhos, para que não encubra e dissimule; no segundo lugar se dará também ao chaem [*duchayuan*], que sem dúvida há-de avisar ao rei, e o tutão [*dutang*] será obrigado a fazer o mesmo; no terceiro lugar ao pochanci [*buzhengshi*]¹², seu vedor-mor da Fazenda desta província; no quarto, ao anchaci [*anchashi*], justiça-mor dela; no quinto, ao aítão [*haidaofushi*]; no sexto, a Anção [Xiangshan], imediato a Macau.

Finalmente, é certo que com minha fuga os holandeses hão-de estar com grande medo e receio que eu informe cá do seu pouco poder e do demais, e por eu saber tudo, e [hã-de pensar] que antes de lhes vir socorro da outra parte vão dar sobre eles, por sua gente ser pouca e fraca. E se aos chincheos que ali estão derem

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

[os nossos] seguro e os tratarem bem, hão-de tornar contra eles para escaparem e apanharem o que puderem.

Certifico eu, Salvador Dias, natural desta cidade de Macau, que haverá quatro anos, indo para Manila num chó de João Baptista, assim me cativaram os holandeses e estive com eles quatro anos, dois na ilha dos Pescadores e dois na ilha Formosa, no porto de Taivão [Dayuan], onde fui seu língua entre eles e os chinas, por eu saber a língua entre eles e os chinas e suas letras, e assim corria com seus negócios. E a esse respeito o chumpim [zongbing], capitão-geral da província de Foquiem [Fujian], me deu uma dignidade militar dita ‘mui pachum’ [wei bazong]. E por mercê de Deus, que me deu tão boa ocasião para me puder livrar deles e fugir para esta cidade, com mais três cristãos e doze chins gentios, numa soma que para este efeito comprei secretamente sem o saberem os holandeses, que sobre mim sempre traziam olho para que não fugisse. E agora tenho por sem dúvida que com minha fugida hão-de estar muito tristes e medrosos, por eu saber seus negócios, hão-de ter receio que com a minha informação se vá [a nossa gente] sobre eles com armada. Certifico e juro aos Santos Evangelhos, em que pus a mão, que tudo isto passa na verdade e que a relação acima escrita que tenho dada, que [trata] daquele porto [e de seu] trato, e mais coisas contidas na dita relação, estão todas na verdade pontualmente como passa. E assim o afirmo com juramento que tenho feito como cristão que sou, que

de facto todo o bem dos cristãos, pois Nosso Senhor e a Virgem Nossa Senhora me fizeram tanta mercê, que me tiraram do poder daqueles hereges e me trouxeram a terra de cristãos católicos. E por tudo [se] passar na verdade e ser fielmente relatado, me assinei aqui, hoje, 26 de Abril de 1626.

Vai meu sinal, à charachina, e por não saber escrever português.” **RC**



NOTAS

- 1 Cumprindo directivas do governador-geral da VOC em Batávia, em 1622 os holandeses erigiram um forte em Penghu, uma das ilhas do arquipélago dos Pescadores
- 2 Apesar das ordens régias que proibiam o trato e a navegação directa entre Macau e Manila, sabe-se que a existência de múltiplos contactos comerciais informais entre as duas praças garantia o funcionamento regular desta rota. Assim se entende que o autor tenha sido aprisionado pelos holandeses quando, aparentemente, navegava de Macau para Manila.
- 3 Os holandeses possuíam uma feitoria em Hirado desde 1609.
- 4 O manuscrito original incluía desenhos, entretanto desaparecidos.
- 5 Por vezes, o escrivão insere observações no discurso directo de Salvador Dias.
- 6 Deve talvez ler-se Comodoro De With, pois o governador holandês entre 1623 e 1625 foi Maarten Sonck, a quem se seguiu, no biénio seguinte, Gerard Frederiks de With.
- 7 Alusão à resposta que as autoridades de Manila se preparavam para dar à instalação dos holandeses na Formosa. De facto, em Maio de 1626 os espanhóis fundaram uma fortaleza em Keelung, no extremo norte da ilha, de onde seriam expulsos pelos holandeses em Agosto de 1642.
- 8 Alusão ao derrube das fortificações que Macau erigiu na sequência do ataque holandês de 1622. Três anos mais tarde, as autoridades chinesas forçaram a demolição da parte da muralha voltada para o continente que entretanto tinha sido levantada. Contudo, este troço seria reconstruído depois dos portugueses subornarem os mandarins locais.
- 9 Referência ao fracassado assalto holandês a Macau em 1622.
- 10 Por ocasião do assalto holandês a Macau, em 1622, e de acordo com a *Relação* de frei António do Rosário, o capitão de Macau Lopo Sarmento de Carvalho capturara um “grande capitão, com mais seis holandeses”.
- 11 As fontes portuguesas confirmam que entre 1522 e cerca de 1549, durante o reinado do imperador Jiajing, a região de Cantão esteve encerrada à navegação estrangeira.
- 12 *Pochem* no original.